ID: 17438940
Data: 01-07-2007
Exame
Tiragem: 36500
País: Portugal
Âmbito: Economia, Negócio
Perid.: Mensal
Página: 36
Cores: Cor
Área: 21,31X27,35 cm2
Corte: 1 de 9

CISION

Miguel Pais do Amaral
300 milhões de euros

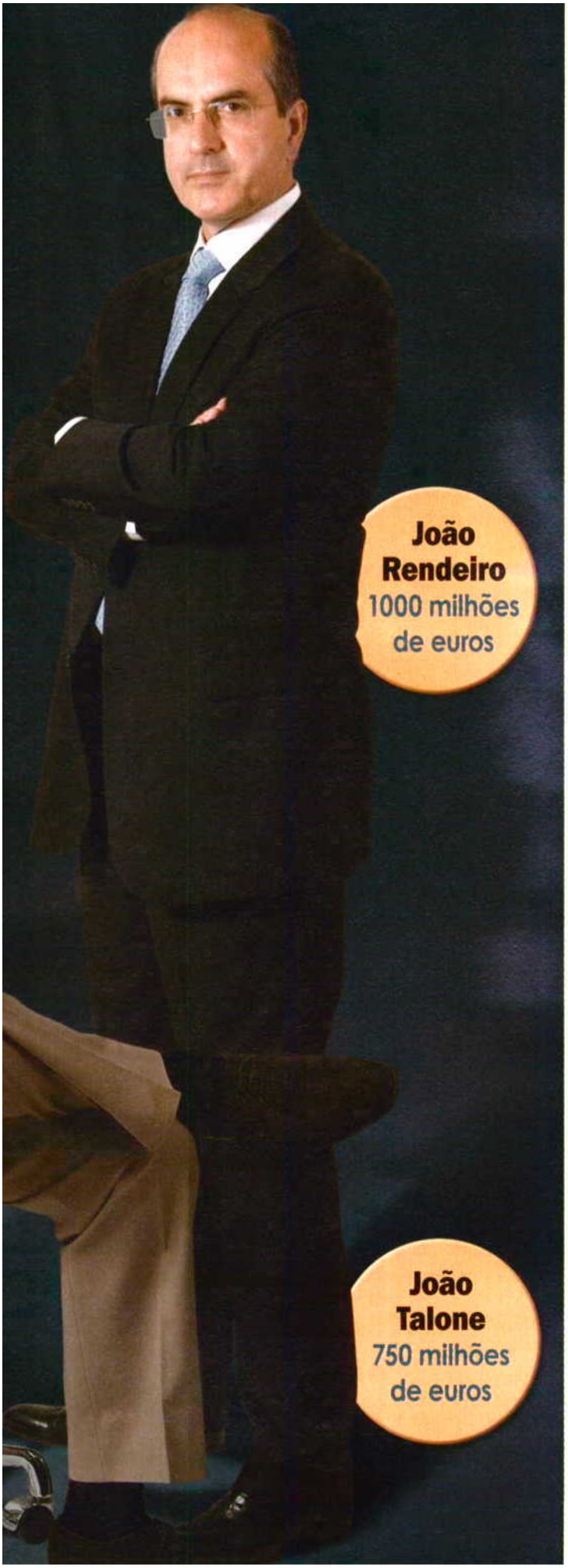
EMPRESAS procura-se

Os bolsos de empresários portugueses têm mais de 3 mil milhões de euros para investir em *private equity*. Querem comprar activos num mercado que escasseia em oportunidades

Texto **Margarida Fiúza** Fotos **Paulo Alexandrino**

ID: 17438940
Data: 01-07-2007
Exame
Tiragem: 36500
País: Portugal
Âmbito: Economia, Negócio
Perid.: Mensal
Página: 37
Cores: Cor
Área: 20,49X26,58 cm2
Corte: 2 de 9

CISION



A assinatura que aparece no contrato milionário é a de Paul David Hewson. O nome não lhe diz nada? Apresente-se o protagonista e o cenário de outra forma: a identificação que se pode ver no fim do documento é a do vocalista da banda irlandesa U2, mais conhecido por Bono Vox, e o contrato é o que este celebrou com a fabricante de *smartphones* Palm, em Junho. Por que é que esta situação é chamada para o tema deste artigo? O músico lidera o Elevation Partners, um grupo de *private equity* (sociedades não cotadas que se dedicam a captar capital junto de investidores institucionais) que adquirirá 25% do capital daquela empresa norte-americana, por 325 milhões de dólares (cerca de 242 milhões de euros). *Elevation* é também o título de um dos êxitos musicais da banda de *rock* e o termo apropriado para caracterizar os montantes astronómicos que a actividade de *private equity* move. Nos primeiros três meses deste ano, as operações de compra anunciadas por fundos de *private equity* totalizavam 149,4 mil milhões de euros. Todos procuram o mesmo – empresas para comprar, profissionalizar e depois vender com elevadas taxas de rentabilidade.

Chuva de milhões

Na Europa, os fundos de *private equity* reuniram 112 mil milhões de euros no ano passado. Já nos primeiros cinco meses deste ano estiveram envolvidos em negócios que totalizaram 328 mil milhões de euros, ou seja, mais do que duplicaram os seus investimentos face ao mesmo período em 2006. E, segundo Javier Loizaga, presidente da associação europeia de *private equity* (EVCA), dentro de poucos anos poderá haver fundos capazes de angariar, isoladamente, 40 mil milhões de euros e de comprar empresas avaliadas em 100 mil milhões.

A elevação generalizada desta actividade, em número de *players* e montantes, estende-se também a Portugal. Em 2006, os fundos nacionais geriram mais de 1,3 mil milhões de euros, com um total de 782 milhões aplicados em investimentos. Vários empresários portugueses arrumaram um passado de gestão focalizada e despertaram para esta tendência plurisectorial. Regressam à ribalta dos negócios com as ferramentas que adquiririam em décadas de experiência, mas agora agem com outra mecânica, a do *private equity*. João Talone, Miguel Pais do Amaral, João Rendeiro, Manuel Serzedelo de Almeida, Manuel Matos Gil, Jorge Armindo e Rodrigo Guimarães são alguns dos nomes que dão rosto a esta actividade em Portugal.

Este despertar apresenta-se com os contras naturais para quem já parte atrasado em qualquer corrida. "A concorrência entre os fundos de *private equity* é muito agressiva, o que faz com os preços finais das operações sejam altos. Está tudo muito caro", afirma Miguel Pais do Amaral, 52 anos, o ex-patrão da Media →

ID: 17438940 | Exame | Tiragem: 36500 País: Portugal Âmbito: Economia, Negócio Perid.: Mensal | Página: 38 Cores: Cor Área: 20,54X26,87 cm2 Corte: 3 de 9
Data: 01-07-2007

CISION

Banco Privado

Capital: 1000 milhões de euros.
Descrição: O banco cria veículos para investir em energia, concessões e participações financeiras.
Operações: O fundador e accionista do BPP, **João Rendeiro**, detém 1% da Galp Energia, 2% da espanhola Enagás e 1% da Rede Eléctrica de Espanha. Na energia, com 150 milhões de euros para investir, o objectivo é realizar duas operações até ao final do ano. Através do veículo Kendall Develops, detém 4% do capital da Brisa e 5% da OHL Brasil. E a sociedade Privada Financeira investiu cerca de 200 milhões de euros na aquisição de uma participação qualificada de 2% no Millennium BCP.

Magnum Capital Industrial Partners

Capital: 750 milhões de euros.
Descrição: Criada no início de 2006, a sociedade de **João Talone** está a levantar um fundo para investir em empresas portuguesas e espanholas de vários sectores. O primeiro fecho do Magnum I, que aconteceu em Junho, incorpora 600 milhões de euros e tem como meta atingir 750 milhões até Setembro. O segundo fundo, o Magnum II, deverá ser levantado daqui a quatro anos e, dois anos depois, está prevista a criação do Magnum III, um fundo mais especializado.
Operações: O primeiro investimento deverá ser realizado ainda este ano.

Quifer Energia e Partrouge

Capital: 300 milhões de euros.
Descrição: Com uma perspectiva semelhante à dos *private equity*, **Miguel Pais do Amaral** está a investirna consolidação do sector dos livros e criou um veículo dedicado à área energética. Um dos objectivos é contruir uma fábrica de *biodiesel* no Brasilno início do próximo ano.
Operações: Sozinho ou acompanhado por sócios, detém 47,2% do capital da Tecnidata. Comprou a Portuvinus, a Texto Editores, está prestes a concretizar a aquisição da ASA e tem em vista os negócios da Plátano, da Areal e da Caminho. Assim liderará o sector.

→ Capital. Mais. "A economia portuguesa está muito concentrada em pequenas empresas, logo, há menor oferta de operações interessantes. E todos os fundos internacionais que estão em Espanha querem entrar em Portugal", acrescenta Manuel Serzedelo de Almeida, 63 anos, ex-administrador da PT Multimédia e do Banco Espírito Santo, que agora investe em *private equity*.

Diz-me como investes

O equilíbrio entre a oferta das empresas e a procura por parte dos fundos pode ser conseguido porque há vários tipos de *private equity*. Um deles é a modalidade de *buyout*, que acontece quando se adquire participações de outros investidores que saem do capital das empresas. Dos 112 mil milhões de euros de capital angariado na Europa, no ano passado, 84 mil milhões (75%) foram aplicados nestas operações.
João Talone, 55 anos, ex-administrador do BCP e ex-presidente executivo da EDP, criou o Magnum Capital Industrial Partners. Juntou-se aos espanhóis que geriam o Santander Central Hispano, Angel Corcóstegui e Baldomero Falcones, e ao ex-responsável máximo pela consultora McKinsey, Enrique de Leyva. Os quatro reuniram 600 milhões de euros para o fecho inicial do fundo e esperam encerrá-lo, até Setembro, com 750 milhões. A primeira operação deverá ser realizada ainda este ano.
Já com operações em carteira, o fundo conduzido por Rodrigo Guimarães, o rosto da portuguesa Explorer Investments, adquiriu a maioria do capital da empresa de segurança privada Charon, em Junho. A sociedade, criada há quatro anos, já tem participações em vários activos de diferentes sectores de actividade e está a finalizar o processo de constituição do fundo Explorer II, que terá uma capitalização de 200 milhões de euros e uma vida útil de 10 a 12 anos. O objectivo é igual ao do primeiro fundo levantado por esta sociedade: investir em empresas portuguesas que queiram e possam expandir a sua oferta para outros mercados, sobretudo o espanhol.

Rendido à Bolsa

João Rendeiro, 55 anos, o homem forte do Banco Privado Português (BPP), também actua com a lógica de *buyout*, mas só no palco da Bolsa. "A opção de investir em empresas cotadas significa menor risco e maior liquidez", justifica o banqueiro. O veículo que constituiu há menos de um ano tem um foco específico: a energia, área onde tem adquirido participações em empresas cotadas. Paulo Guichard, 47 anos, administrador executivo do BPP, diz que só este veículo ainda tem 150 milhões de euros para investir, tomando posições entre 2% e 5% em activos cotados. O objectivo é realizar duas operações até ao final do ano.
Ao todo, a área de *private equity* do banco representa 27% do negócio total e é responsável por um investimento de cerca de 1000 milhões de euros, realizado numa década. O montante repete-se no presente: o BPP tem outros tantos milhões para investir no prazo de três a cinco anos. "Até ao final do ano investiremos metade disso, ou seja, 500 milhões de euros", garante João Rendeiro. Em Portugal, Espanha e Brasil.
Para João Rendeiro, assim como para João Talone, é impensável falar de fundos de *private equity* em Portugal sem referir Espanha. Ambos têm os seus focos geográficos apontados para a Península Ibérica. Do país vizinho chega a mesma intenção. A espanhola Inversiones Ibersuizas estabeleceu uma parceria com a Imatosgil (IMG), *holding* da família portuguesa liderada pelo investidor Manuel Matos Gil, que, por sua vez, detém 10% da Ibersuizas. Daí nasceu a IBS Private Equity, uma sociedade que pretende angariar oportunidades no mercado português e tem 300 milhões de euros para aplicar. "Queremos investir em empresas boas, onde possamos alterar estratégias e gestão, melhorando a sua eficiência. Para depois vender, claro", adianta Nuno Gaioso Ribeiro, 36 anos, director executivo da sociedade.

O que acontece às empresas

Em 1997, quando o BPP comprou a Sopete, por cerca de 10 milhões de euros, a opção foi a de desmantelar o negócio. Os hóteis foram vendidos ao grupo Amorim, o campismo à Orbitur e o imobiliário ao grupo Quintas. "Separámos os activos e vendemos. Em 18 meses dobrámos o valor

ID: 17438940
Data: 01-07-2007
Exame
Tiragem: 36500
País: Portugal
Âmbito: Economia, Negócio
Perid.: Mensal
Página: 39
Cores: Cor
Área: 20,2X26,84 cm2
Corte: 4 de 9

CISION

Paulo Guichard, o braço direito de João Rendeiro, investe em empresas cotadas, onde o risco é menor e a liquidez maior

da operação", relembra Paulo Guichard. A venda é a meta final de qualquer tipo de *private equity*. Sem prazo para desinvestir ou com o tempo contado, todos os *players* acabam por vender. Afinal, é com esse propósito que compram inicialmente.

João Rendeiro realizou um encaixe global de 362 milhões de euros com a venda de 15% da Jerónimo Martins, onde ainda mantém 3,5%. A taxa de rentabilidade da operação, avaliada em cerca de 70%, "é difícil de repetir", confessa Paulo Guichard.

Combinar o dinheiro de investidores com avultadas somas de empréstimos (que tornam as operações mais rentáveis, já que a emissão de dívida é menor do que o retorno conseguido com o capital) para comprar empresas maduras e fazê-las crescer até ao ponto de as vender por um preço muito superior ao que se pagou por elas é o objectivo do *private equity*. Neste sentido, a compra e venda da empresa de audiovisuais portuguesa Alfasom pela Explorer é um dos negócios mais bem sucedidos. A sociedade de Rodrigo Guimarães adquiriu 49% da empresa em 2005 e, depois de ter comprado a espanhola Aysav, em 2006, e de se ter tornado num dos principais operadores ibéricos, vendeu o negócio à espanhola Quercus Capital, em Abril. A Alfasom foi comprada por 15 milhões de euros e vendida por 60 milhões, 4,5 vezes mais.

"Há empresas que têm a gestão certa, mas que não têm capacidade para se expandir a nível internacional. Os fundos de *private equity* podem tratar disso", avança Nuno Gaioso Ribeiro. Foi o que aconteceu com a YDreams. No final de 2004, era uma das empresas mais conhecidas em Portugal na área de *software* de entretenimento, mas precisava de capital para poder vender os seus produtos no exterior. A entrada de 8,6 milhões de euros, financiados pela Espírito Santo Tech Ventures e a norte-americana Herrick Partners, foi o que bastou para estruturar a empresa e expandi-la.

Já a tarefa de Jorge Armindo, presidente da Amorim Turismo, é mais dura. O empresário criou a sociedade Iberpartners com o objectivo de transformar desafios difíceis em soluções viáveis. Entre os accionistas da Iberpartners estão Vasco Pereira Coutinho, António Bernardo, Estela Barbot, João Barbosa, Esmeralda Dourado e os irmãos Joaquim, António e José Américo Amorim. A fórmula que usam é comprar empresas em situações complicadas, investir e reforçar competências de gestão para depois viabilizar. No ano passado, a Iberpartners adquiriu a fábrica de cervejas Cintra ao empresário Sousa Cintra, quando as dívidas ascendiam aos 35 milhões de euros à banca, e cerca →

Pesos mesmo muito pesados

O INESPERADO ACONTECEU NA CHINA, com o anúncio de que o executivo chinês investirá 2,2 mil milhões de euros num grupo de *private equity* norte-americano, o Blackstone, que está a preparar uma OPV (oferta pública de venda). Refira-se também a compra da Alltel pelo Texas Pacific Group, por 18,4 mil milhões de euros. É a maior operação deste ano nos Estados Unidos, onde o *private equity* já movimentou 206,7 mil milhões de euros.

Os olhos dos fundos internacionais são grandes e apontam também para Portugal. O Blackstone tem mais de 500 milhões de euros para investir no mercado português. A britânica 3i esteve na corrida à aquisição da Compal, que acabou por perder, e alienou a participação que detinha na Multiópticas e na empresa de mobiliário Tema, mas mantém os investimentos na Hospor, na Easysoft e na Sampletest. A Mercapital, líder ibérica, é parceira da portuguesa Explorer Investments, com a qual entrou na Saprogal e na Holmes Place Ibérica. Há menos de um mês, o Banque Edmond de Rothschild anunciou a criação de um fundo ibérico com 100 milhões de euros para investir em energias renováveis. Portugal incluído.

ID: 17438940 | Exame | Tiragem: 36500 País: Portugal Âmbito: Economia, Negócio Perid.: Mensal | Página: 40 Cores: Cor Área: 20,49X26,5 cm2 Corte: 5 de 9
Data: 01-07-2007

CISION

→ de 15 milhões aos fornecedores. Com a estratégia de expandir ou reestruturar, a ambição é sempre comprar e vender, rentabilizando ao máximo. Através de *buyout* ou capital de risco, fora ou dentro da Bolsa.

O Estado e a banca ainda são as fontes de capital dominantes, representando perto de 90% dos investimentos nacionais feitos em *private equity*

Excesso de Estado

Mais modestos do que os fundos de *buyout*, os de capital de risco, aqueles que investem em negócios emergentes e inovadores, angariaram cerca de 17 mil milhões de euros na Europa, em 2006. Em Portugal, as principais empresas que actuam nesta área são públicas. Sociedades como a Inov Capital, a API Capital e o Fundo de Turismo.

"Numa perspectiva de fontes de capital, o mercado de *private equity* em Portugal é completamente dominado pelo Estado e pelos bancos", comenta Nuno Gaioso Ribeiro. Contra factos não há argumentos. Quase todas as instituições financeiras têm uma área de *private equity*. O Banco Espírito Santo de Investimento (BESI) lançou um fundo de infra-estruturas e energia, com um capital de 100 milhões de euros, tendo a ES Capital e um parceiro italiano como accionistas. A sociedade de capital de risco do BES já tomou, entretanto, uma participação financeira de 14,4% na Companhia Providência Indústria e Comércio do Brasil, por 50 milhões de euros.

O Banif Investimento está a promover o fundo GED Sur, onde investirá 5 milhões dos 65 milhões de euros que pretende angariar para entrar em 10 ou 15 empresas na Península Ibérica. Em simultâneo, Horácio Roque, presidente do Banif, juntou-se a Américo Amorim e ao grupo Caixa Geral de Depósitos (CGD) para criar a Finpro, que investe em infra-estruturas e em *private equity*, e é gerida por António Paula Santos e Manuel Carvalho Fernandes. No ano passado, adquiriu 10% da RWE Thames Water Holdings, a maior empresa de água e serviços relacionados do Reino Unido, por 1,1 milhões de euros. Já em Março deste ano, comprou 33% da Cory Environmental, firma que trata e gere os lixos de Londres, por 300 milhões de euros. Este ano tem mais 500 milhões para investir.

A Caixa Desenvolvimento, veículo de investimento de *private equity* do grupo CGD, comprou 80% da Compal e a Nutricafés à Nutrinveste, em 2005, com a Sumolis (20%), por 426 milhões.

A área de *private equity* do grupo BPI gere três veículos de investimento: uma sociedade de capital de risco, a Inter-Risco, e dois fundos de investimento, o FRIE Inter-Risco e o Caravela, com um portefólio de 80 milhões de euros em participações e fundos. Entre as suas participadas encontram-se a Ibersol, a Vista Alegre Atlantis, a Chipidea, a Douro Azul, a Tvtel e a Quinta da Aveleda.

Segundo dados da Associação Portuguesa de Capital de Risco e de Desenvolvimento (Apcri), a banca investe cerca de 70% em *private equity* e o sector público 19%. O resto do dinheiro vem dos bolsos dos investidores institucionais.

Quem manda no dinheiro

Para arranjar dinheiro suficiente para levantar os fundos, os investidores têm várias hipóteses. A primeira é a modalidade de *blind pool*. Aqui os criadores do fundo têm a tarefa de seduzir e convencer outros a investirem na estratégia definida. Às cegas, esperando-se que confiem no bom julgamento da sociedade gestora. Por outras palavras, quem entra com o dinheiro – fundos de pensões, gestores de fortunas, empresas, empresários – delega a tomada de decisões na sociedade que gere os fundos. É esta confiança que os veículos de Rodrigo Guimarães, António de Sousa e João Talone procuram. Este último conta com o dinheiro de investidores nacionais e internacionais. Metade destes tem nacionalidade portuguesa (um terço) e espanhola (dois terços), e a outra metade é originária de países como Estados Unidos, França, Alemanha, Reino Unido e Arábia Saudita.

De igual modo, António de Sousa, antigo governador do Banco de Portugal e presidente da CGD, Luís Campos e Cunha, ex-ministro das Finanças, e Fernando Esmeraldo, ex-quadro do Citigroup, reuniram 90 milhões de euros para investir em empresas nacionais. O fundo Albuquerque é gerido pela ECS Capital, sociedade fundada pelos três no Verão de 2006.

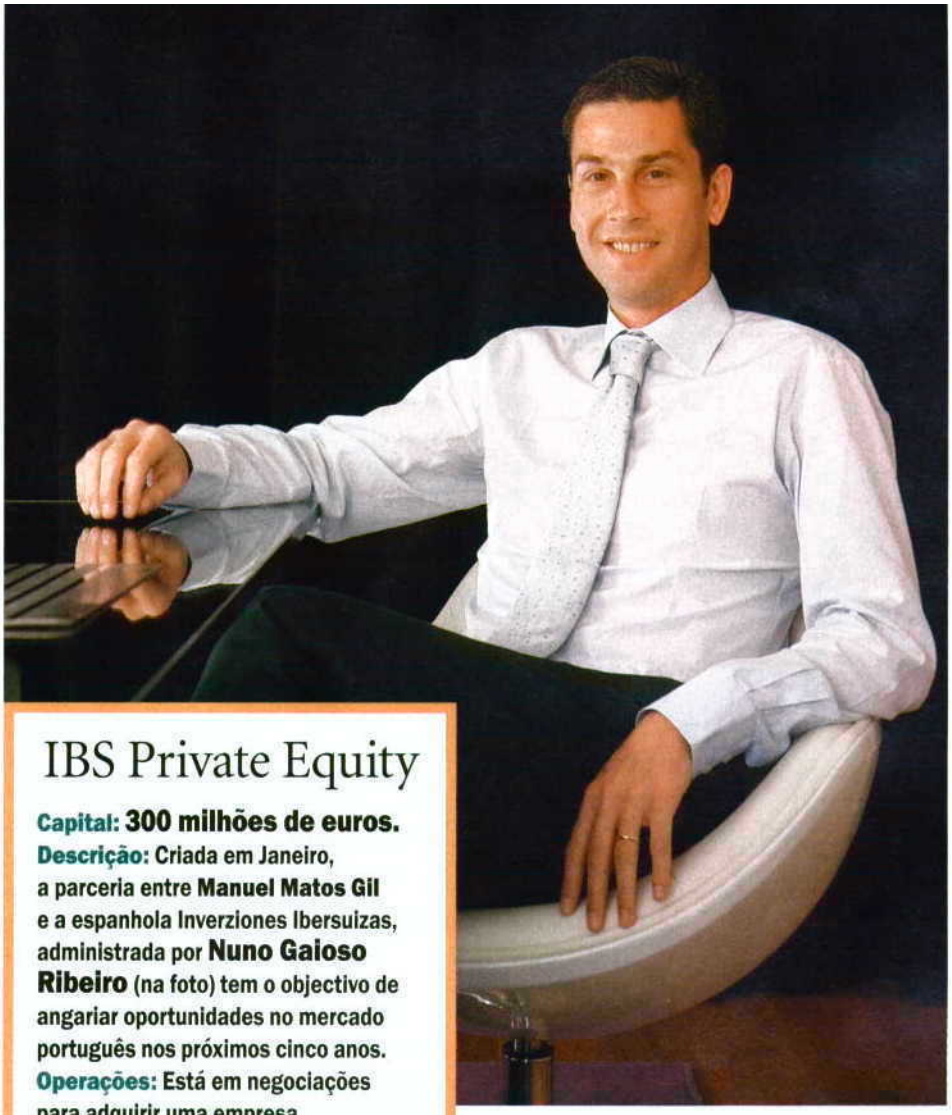
No modelo *case by case* a possibilidade de investimento é estudada caso a caso. Os investidores envolvem-se e participam na tomada de decisões. As operações são identificadas, os activos são negociados e só depois é que a estratégia de investimento é apresentada aos investidores. Assim actua João Rendeiro. O BPP tem uma parti-

Explorer Investments

Capital: 262 milhões de euros.
Descrição: Fundada em 2003, a sociedade de Rodrigo Guimarães aposta em activos na Península Ibérica. O primeiro fundo, o Explorer I, adquiriu participações em empresas ao longo de 20 meses. O Explorer II terá uma capitalização de 200 milhões de euros.
Operações: Participações na cadeia de ginásios Holmes Place, na Saprogal, na Nutricafé, na Indústrias Hidráulicas Pardo, na editora Oficina do Livro (Casa das Letras e Estrela Polar), no laboratório Crioestaminal e na empresa de segurança privada Charon.

ID: 17438940 | Exame | Tiragem: 36500 País: Portugal Âmbito: Economia, Negócio Perid.: Mensal | Página: 41 Cores: Cor Área: 20,36X26,7 cm2 Corte: 6 de 9
Data: 01-07-2007

CISION



IBS Private Equity

Capital: 300 milhões de euros.
Descrição: Criada em Janeiro, a parceria entre Manuel Matos Gil e a espanhola Inverziones Ibersuizas, administrada por Nuno Gaioso Ribeiro (na foto) tem o objectivo de angariar oportunidades no mercado português nos próximos cinco anos.
Operações: Está em negociações para adquirir uma empresa 100% portuguesa ainda este ano.

ãpação nos veículos que cria, variável entre 5% e 10%, procurando o resto do capital junto de clientes do banco, sobretudo da área de *private banking*. Cria os veículos, escolhe as operações e depois convida os clientes a participarem nelas.

Da mesma maneira funciona a Iberpartners, a sociedade de *private equity* de Jorge Armindo. O empresário juntou-se a 24 investidores, criou a empresa e reuniu cerca de 2,5 milhões de euros com o objectivo de investir em operações na Península Ibérica, no Brasil e em Angola.

Numa orgânica semelhante, Miguel Pais do Amaral, o ex-administrador da Media Capital, é um dos accionistas da Patris Capital, criada por Gonçalo Pereira Coutinho em Outubro do ano passado. Com um capital social de 3,75 milhões de euros, a empresa pretende fazer aquisições em parceria com os seus 23 accionistas ou *private equity* estrangeiras, operações que poderão atingir montantes entre 200 milhões e 300 milhões de euros.

Apesar de se ter unido a este projecto, Miguel Pais do Amaral adopta uma postura flexível e independente. "Eu não sou um operador de *private equity*. Invisto por minha conta, com um ou dois sócios", esclarece o empresário cuja actuação neste sector se iniciou há mais de dez anos. Foi sócio de um fundo de *private equity*, o Euroknight, que investiu em empresas portuguesas como a Saludães, a Feira Nova (antes de ter sido vendida ao grupo Jerónimo Martins) e a Anodil (hoje Sapa). Permanece ainda ligado a vários fundos de peso como o Kohlberg Kravis Roberts (KKR), o Blackstone, o Texas Pacific Group Capital e o Providence Equity Partners (veja caixa "Pesos mesmo muito pesados"). "As operações de média dimensão farei eu próprio com alguns sócios. Para as operações de grande dimensão, acima de 100 milhões de euros, tentarei formar um consórcio para responder ao desafio", explica.

O perfil de Miguel Pais do Amaral, cujas operações contam com ele próprio e um pequeno núcleo duro de sócios (o norte-americano Nicholas Berggruen é presença constante), assemelha-se ao dos chamados *family offices*, entidades que gerem patrimónios familiares, investindo em fundos especializados ou directamente em empresas. A Gestmin, de Manuel Champalimaud, membro do clã do falecido magnata do cimento e da banca, António Champalimaud, é exemplificativa. A empresa familiar deu os primeiros passos no *private equity* em 2005, quando ganhou a concessão do terminal de cereais da Silopor, no Porto do Douro e Leixões. No ano passado comprou 37,5% da operadora de telecomunicações Oni à EDP, passando os restantes 62,5% a ser controlados pela Win Reason, um fundo de investimento da empresa norte-americana Riverside Company. E detém 5% do capital da REN – Redes Energéticas Nacionais, alienado pela EDP no ano passado.

Estratégia de consolidação

"O facto de não ser um operador de *private equity* não me impede, porém, de analisar possibilidades de investimento, fazendo operações nessa perspectiva. Procuro sectores onde exista um potencial de criação de valor que me permita alcançar taxas de rentabilidade na ordem dos 20% a 30%", admite Miguel Pais do Amaral. É isso mesmo que está a fazer.

Depois da mais-valia que obteve com a venda da posição de 11,63% que detinha na Media Capital ao grupo espanhol Prisa, são várias as frentes que interessam a Miguel Pais do Amaral. O negócio rendeu-lhe cerca de 307 milhões de euros e serviu de trampolim para os novos voos do empresário: as tecnologias de informação, a energia e os livros. Através da Partrouge, a sua *private equity*, comprou 47,2% do capital da Tecnidata, empresa tecnológica. E criou a Quifer Energia, que deverá investir entre 200 milhões e 300 milhões de euros na área energética, na América do Sul, sobretudo no Brasil. "Ainda não sei ao certo se vou criar um fundo para este efeito. Perante as oportunidades é que decidirei se os projectos serão financiados só por mim, por mim e mais sócios, por mim e mais sócios através de uma empresa que depois seja cotada em Londres, ou por um fundo fechado criado para desenvolver as operações", aponta. A certeza que tem é que a primeira operação arrancará no início do próximo ano, com uma unidade fabril de *biodiesel* →

ID: 17438940 | Exame | Tiragem: 36500 País: Portugal Âmbito: Economia, Negócio Perid.: Mensal | Página: 42 Cores: Cor Área: 20,75X26,8 cm2 Corte: 7 de 9
Data: 01-07-2007

CISION

→ contruída de raiz. Mas são os investimentos que o empresário está a fazer no sector livreiro que mais têm dado que falar.

Depois de ter comprado a Texto Editores, em Março, garantiu a aquisição da ASA, em Maio, e tem em vista os negócios da Plátano, da Areal e da Caminho. Se tudo se concretizar, consolidará o sector e passará a liderar o mercado das editoras portuguesas de livros escolares.

Manuel Serzedelo de Almeida quer fazer o mesmo com o sector do tratamento de resíduos sólidos. "Queremos consolidar vários activos em Portugal e em Espanha para vender o conjunto final", afirma o empresário. Para já, comprou a Ipodec e a Auto-Vila, por 30 milhões de euros, em 2005, e detém 60% da Cisav, empresa de centros de tratamento de resíduos, com 25 milhões de euros, em conjunto com os grupos franceses Capec e Veolia. Manuel Serzedelo de Almeida não está sozinho neste projecto. A sociedade gestora Olmea é "um clube de investidores que investe consoante as oportunidades que surgem", sublinha o empresário. Constituída pela Olinvest (sociedade da família Oliveira, que detém a Riopele), o grupo industrial espanhol Masaveu, a Estrela (sociedade da família Serzedelo de Almeida) e a família Almeida Freitas, a Olmea foi criada em 2004 e tem entre 100 milhões e 200 milhões de euros para investir. É o somatório de vários *family offices* e, ao mesmo tempo, um género de sociedade de *private equity*.

A consolidação de sectores, as áreas da saúde e das empresas de *media* são alvos atractivos para os investidores, sobretudo os internacionais

"A diferença é que nós não temos a pressão dos prazos de investimento dos fundos", afirma Manuel Serzedelo de Almeida. Miguel Pais do Amaral beneficia da mesma liberdade. "Manter-me-ei nos investimentos que me apresentem perspectivas de crescimento e de criação de valor a médio e a longo prazos. Estimo ficar com as empresas que comprei durante cinco a dez anos. Se nessa altura a minha leitura for a mesma, com previsões de crescimento, manterei as posições que tenho", e acrescenta: "Não estou interessado em negócios que não entendo, como os de tecnologias muito sofisticadas. Prefiro empresas com uma presença forte no mercado." João Rendeiro aposta nas concessões e Rodrigo Guimarães nos serviços e na indústria. Mas há outros negócios que despertam a atenção dos investidores.

Conhecido por ser marcadamente público, o sector da saúde está cada vez mais privado, muito por causa dos investimentos de *private equity*. A sociedade gestora KKR, que esteve envolvida nos maiores negócios da saúde a nível mundial, comprova esta afirmação. Em Abril, adquiriu a farmacêutica Alliance Boots, por 15,9 mil milhões de euros, e, no ano passado, a HCA, por 8,2 mil milhões. Em Portugal, a CGD adquiriu 10% do capital da UPS Hospitales, que detém uma rede de unidades de saúde em Espanha, em conjunto com a maior sociedade espanhola de *private equity*, a Mercapital.

Media apetecível

Também a área dos *media* é uma das mais assediadas. Segundo um relatório da PricewaterhouseCoopers, o investimento dos *private equity* nos *media* continuam a crescer a grande ritmo. Representaram quase metade, cerca de 44%, das fusões e aquisições registadas em 2006, tendo movimentado 19 mil milhões de euros. Na Europa, servem de exemplo os negócios da VNU, na Holanda; da Pages-Jaunes Groupe, em França; e da ProSiebenSati Media, na Alemanha. Nos Estados Unidos, o consórcio liderado pela Bain Capital and Thomas H. Lee comprou o Clear Channel por 20,6 mil milhões de euros. As maiores empresas do sector, como a Time Warner, a Vivendi e a Tribune Co. são alvos apetecíveis.

Em Portugal, também há movimentações neste sector. O recém-criado jornal diário de economia *Oje* é detido pela sociedade editorial Megafin, constituída pela MNF Capital, uma sociedade de *private equity* de capitais nacionais, e pela britânica City AM, com 2,5 milhões de euros.

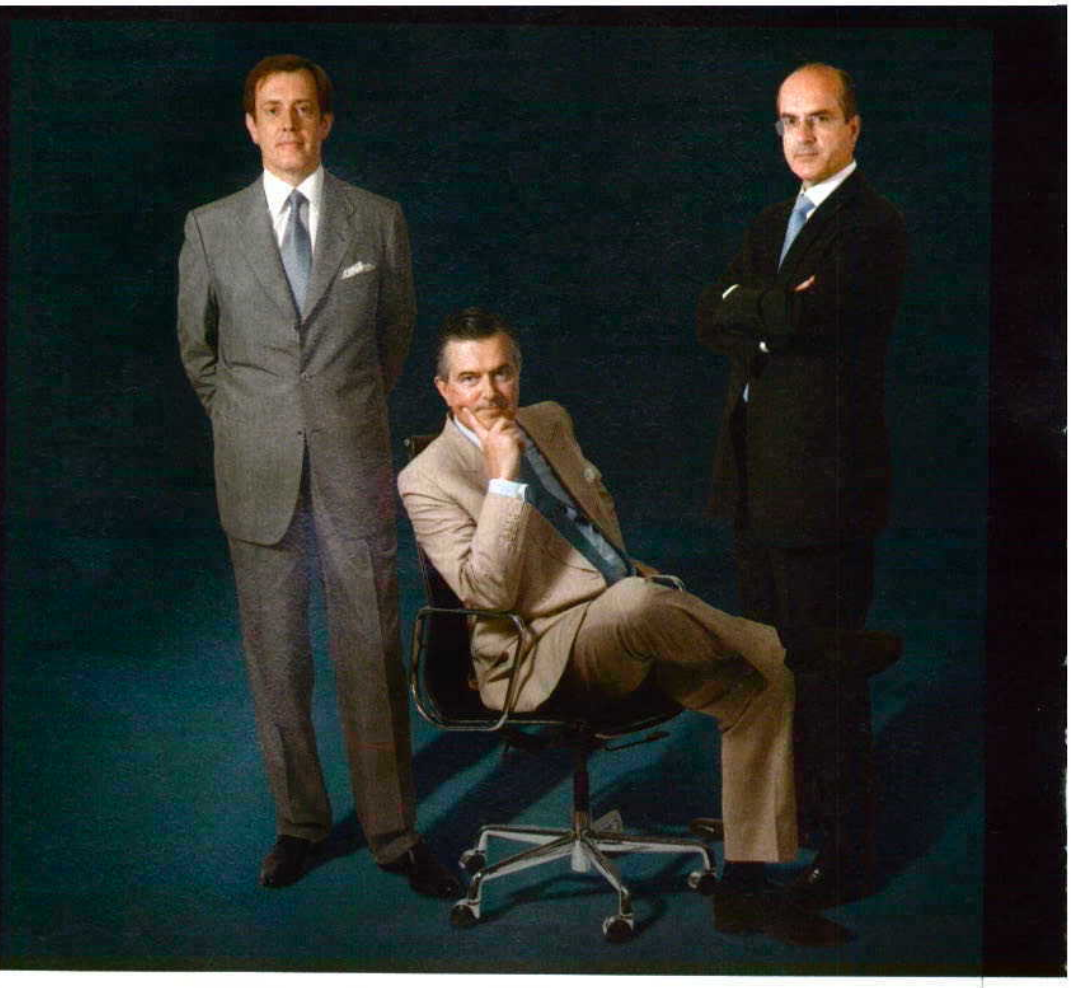
O sector de *media* também é estratégico para a britânica 3i, sediada em Espanha, e para a RTL, que pertence ao maior grupo europeu de *media*, a Bertelsmann. Esta última anunciou que tem 6 mil milhões de euros para investir em aquisições. A empresa vendeu os 33% que detinha na Media Capital, mas continua a ver com interesse o mercado português, em especial o da televisão. As miras internacionais apontam para todo o lado e encontram alvos em várias direcções. Incluindo as portuguesas Impresa, Cofina e Media Capital. ■

Olmea

Capital: 100-200 milhões de euros.
Descrição: Fundada em 2004, a Olmea pertence a um clube de investidores, do qual faz parte Manuel Serzedelo de Almeida. Aposta na consolidação do sector do tratamento de resíduos.
Operações: Comprou a Ipodec e a Auto-Vila, por 30 milhões de euros, em 2005, e detém 60% da Cisav, empresa de centros de tratamento de resíduos, com 25 milhões de euros. Tem ainda uma pequena participação numa empresa de *software* ibérica e entrou no capital de uma empresa de biotecnologia norte-americana.

ID: 17438940
Data: 01-07-2007
Exame
Tiragem: 36500
País: Portugal
Âmbito: Economia, Negócio
Perid.: Mensal
Página: 4
Cores: Cor
Área: 20,71X13,52 cm2
Corte: 8 de 9

CISION



pág. 36

PRIVATE EQUITY

Fundos de empresários portugueses têm mais de 3 mil milhões de euros para investir em empresas de vários sectores de actividade

ID: 17438940
Data: 01-07-2007
Exame
Tiragem: 36500
País: Portugal
Âmbito: Economia, Negócio
Perid.: Mensal
Página: 1
Cores: Cor
Área: 18,28X24,08 cm2
Corte: 9 de 9

CISION

3 mil milhões para comprar empresas